

# Percursos de um Laboratório de Psicologia Social Comunitária: pesquisa-intervenção e políticas públicas

*Pathways of a Community Social Psychology Laboratory: research-intervention and public policies*

**Allan Henrique Gomes**

**Jhonny Willian Candiotta Uttida**

**Letícia de Andrade**

**Ana Paula Salvatori**

**Resumo:** O presente artigo reflete a atuação do Laboratório de Psicologia Social Comunitária (LAPSICO FGG/ACE) no contexto da política pública de assistência social, com ênfase nas produções resultantes do projeto “Os sentidos da participação de trabalhadores e usuários nos serviços do Sistema Único de Assistência Social – SUAS no município de Joinville – SC”. O laboratório é um espaço de estudos, pesquisas e extensão universitária, que tem privilegiado a interface da Psicologia com as Políticas Sociais. Neste texto as discussões estão organizadas na forma de percursos, pois a reflexão destes possibilitou a escrita dos resultados da pesquisa em três categorias “os percursos do laboratório” que descreve um pouco da trajetória deste espaço; “os percursos na política de assistência social” que reflete uma perspectiva de inserção neste campo; “os percursos de pesquisa-intervenção” onde se apresentam algumas das realizações mobilizadas pelo projeto de pesquisa que trata este artigo.

**Palavras-chave:** Pesquisa-intervenção; psicologia social; política pública.

**Abstract:** This article reflects the performance of the Community Social Psychology Laboratory (LAPSICO FGG / ACE) in the context of public social assistance policy, with an emphasis on the outputs resulting from the project “The meanings of the participation of workers and users in the services of the Unified Health Care System Social - SUAS in the municipality of Joinville - SC”. The laboratory is a space for studies, research and university extension, which has privileged the interface between Psychology and Social Policies. In this text the discussions are organized in the form of paths, as their reflection made it possible to write the results of the research in three categories “the paths of the laboratory” that describes a little of the trajectory of this space; “The paths in the social assistance policy” that reflects a perspective of

insertion in this field; “The research-intervention pathways” which present some of the achievements mobilized by the research project that this article deals with.

**Keywords:** Research-intervention; social Psychology; public policy.

## INTRODUÇÃO

A existência de um Laboratório de Psicologia Social Comunitária em uma graduação em Psicologia é ao mesmo uma necessidade e uma inovação no processo formativo, sobretudo, ao possibilitar a apropriação teórico metodológica de questões que fomentam a manutenção e potencializam a desigualdade social. De forma progressiva e como resultado da redemocratização do Brasil, as políticas públicas ampliaram a presença e a atuação da Psicologia no campo da desigualdade social e, reconhecidamente, a Psicologia Social Comunitária tem expressivas contribuições.

Para compreender a Psicologia Social, de acordo com Silva (2004), é preciso desnaturalizar o social. É necessário pensá-lo como um campo que existe entre os indivíduos, não se trata somente das interações que acontecem em um grupo, mas de um campo “marcado por uma multiplicidade de acontecimentos e de práticas que atravessam uma formação histórica num dado momento, que o social irá ganhar uma consistência e se constituir como um campo problemático” (SILVA, 2004, p. 14).

A psicologia social brasileira se constituiu a partir do enfrentamento ao contexto de desigualdade que caracterizava a maioria dos países da América Latina entre os anos de 1960 e 1970. No Brasil, quando foi regulamentada como profissão em 1962, a psicologia caracterizava-se por práticas elitistas, fato que afastava a sua atuação das demandas do país. A psicologia crítica, então, estabeleceu-se como um referencial teórico potente para o questionamento desse posicionamento e redirecionamento desta ciência e profissão (SAWAIA, 2014).

A psicologia social comunitária passa a ganhar força no Brasil a partir do surgimento da Escola de São Paulo, composta por Silvia Lane e seus

orientandos, que passam a ter um olhar crítico aos modelos tradicionais norte-americano e europeu de psicologia social. Esse movimento passa a ser um marco na história da psicologia social no Brasil, o que motivou a criação da psicologia social crítica, comprometida com a realidade do nosso país (CARVALHO; SOUZA, 2010; LIMA; CIAMPA; ALMEIDA, 2009).

A inserção do debate acerca das políticas públicas no âmbito da formação em psicologia tomou corpo a partir do entendimento a respeito do compromisso social da profissão e da luta antimanicomial, discussões que asseguraram o lugar do psicólogo nas políticas públicas. Vale ressaltar que a Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do SUAS estabelece o psicólogo como profissional de referência nas equipes (BRASIL, 2006), tornando o campo socioassistencial um dos maiores empregadores desta categoria profissional, demandando estudos e reflexões acerca dos saberes e fazeres neste contexto (YAMAMOTO; OLIVEIRA, 2010).

A presença das/os psicólogas/os nas políticas públicas, com destaque ao Sistema Único de Saúde – SUS e ao SUAS, tornou-se uma das áreas de atuação com maior crescimento. Além disto, é uma das áreas fomentadoras de práticas emergentes na profissão e que congrega perspectivas teóricas-metodológicas diversificadas, contribuindo para a ampliação do diálogo e da abertura de novas e outras possibilidades pedagógicas no processo formativo das/os psicólogas/os.

O LAPSICO, então, integra professoras/es, monitoras e acadêmicas/os vinculadas a programas de iniciação científica e projetos de extensão; estagiárias/os orientadas/os pelas/os professoras/es e, ainda, acadêmicas/os em processo de pesquisa relativo ao trabalho de conclusão de curso (TCCs). Cada um possui sua função na organização do laboratório, apesar de muitas vezes essas funções se aproximarem.

Uma das funções que merece destaque no processo pedagógico do laboratório é a monitoria, função desempenhada por acadêmicas da graduação que vivenciam o espaço e as atividades laboratoriais cotidianamente, estreitando as relações do LAPSICO com outras/os discentes do curso. Lembrando que a monitoria é um programa dos cursos de graduação que consiste em atividades de ensino e aprendizagem que possibilitam a ampliação

da formação acadêmica. É necessário compreender que “o trabalho de monitoria pretende contribuir com o desenvolvimento da competência pedagógica e auxiliar os acadêmicos na apreensão e produção do conhecimento” (SCHNEIDER, 2006, p. 15).

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) a viabilidade da monitoria é apontada nos seguintes termos: “os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudo” (BRASIL, 1996, art. 84). Portanto, o monitor é um estudante capaz de mediar a relação entre a instituição, as/os professoras/es e as/os acadêmicas/os, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem. Para isso, a atuação do professor orientador tem de ser participativa, sendo que “o monitor poderá e deverá reunir-se com o docente para juntos elaborarem um plano de trabalho, considerando percepções dos alunos e sobre a instituição” (NOTÁRIO; SANTOS, 2010, p. 356).

A monitoria pode vincular práticas de ensino, pesquisa e extensão, sendo atribuição do monitor exercer atividades nestes três campos, além de publicações e comunicações em congressos científicos (NOTÁRIO; SANTOS, 2010). Na experiência do LAPSICO as atividades de monitoria são decididas com as/os professoras/es, bem como avaliadas com eles sistematicamente. Sendo assim, a participação em projetos de extensão, organização de grupos de estudo, assessoria aos estudantes em projetos de pesquisa e escrita de textos acadêmicos, bem como o acompanhamento de atividades relacionadas aos projetos desenvolvidos pelo laboratório e a compreensão do universo acadêmico (plataforma Brasil, plataforma Lattes, entre outros) são práticas atribuídas e exercidas pela monitoria.

Por possuir esse caráter voltado a pesquisa, o LAPSICO conta com acadêmicas/os vinculadas/os ao programa de iniciação científica. Trata-se de graduandos interessados nos processos de investigação e que queiram ampliar a formação em pesquisa. É a partir da iniciação científica que os graduandos passam a ter contato com o pesquisar em psicologia de uma forma mais sistemática. É sabido que o desenvolvimento de uma carreira profissional na

área acadêmica se inicia, muitas vezes, como a iniciação científica realizada no decorrer da graduação (BRIDI; PEREIRA, 2004).

O conhecimento científico é um capital de enorme importância para o nosso país. Investir na sua busca e na democratização de tecnologias e ferramentas de produção e socialização do conhecimento acadêmico é investir na qualidade de vida da sociedade brasileira (OTTA, 2009. p. 13). Deste modo, no ano de 2016, visando aprimorar o processo de pesquisa, foi elaborado um projeto guarda-chuva denominado “Os sentidos da participação de trabalhadores e usuários nos serviços do sistema único de assistência social no município de Joinville – SC”. O referido projeto foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado por comitê de ética na pesquisa com seres humanos. Com o projeto guarda-chuva o laboratório focalizou a pesquisa intervenção na política pública de assistência social, obtendo dessa forma resultados teórico-metodológicos plausíveis, bem como, efeitos significativos no processo de formação no campo da desigualdade social.

Além de colaborar com o processo formativo de futuras/os psicólogas/os, outra proeminente atribuição do LAPSICO é a produção de conhecimento. Por meio de pesquisas e outras ações que mobilizam resultados desses projetos, estão sendo comunicados conteúdos relevantes a toda comunidade acadêmica, discutindo o lugar da psicologia nas políticas públicas, principalmente no contexto do SUAS. Todo resultado produzido e socializado com acadêmicas/os e profissionais que atuam nesse contexto vem colaborando na compreensão dos desafios e das possibilidades da atuação psicossocial no campo da desigualdade social.

Sendo assim, este artigo reflete a atuação do Laboratório de Psicologia Social Comunitária no contexto da política pública de assistência social, com ênfase nas produções resultantes do projeto “Os sentidos da participação de trabalhadores e usuários nos serviços do Sistema Único de Assistência Social – SUAS no município de Joinville – SC”. Para tanto, revisitamos os registros das pesquisas vinculadas ao projeto guarda-chuva, por meio da releitura de relatórios de pesquisas e estágios, TCCs, diários de campo, artigos e resumos apresentados em eventos científicos e publicados em revistas acadêmicas.

Objetivamente, realizamos uma sistematização das pesquisas e práticas do LAPSICO, a partir do acesso ao acervo/arquivo do local, especificamente os trabalhos realizados no SUAS. Utilizamos como critério de inclusão pesquisas e práticas que estivessem vinculadas ao projeto guarda-chuva e que utilizaram da mesma metodologia de trabalho, chamada de pesquisa-intervenção. Mediante a promoção de atividades criativas, teoricamente denominadas como “oficinas estéticas”, investigou-se os sentidos das relações e experiências de trabalhadoras/es e usuárias/os nos serviços do Sistema Único de Assistência Social – SUAS.

A partir da identificação dos trabalhos que foram produzidos, apresentaremos nas próximas seções algumas considerações acerca da Política de Assistência Social, sobre o Laboratório de Psicologia Social Comunitária, bem como a caracterização dessa metodologia resultante da atuação do trabalho desenvolvido pelo laboratório, e a potência desses trabalhos nas práticas socioassistenciais.

## **OS PERCURSOS DO LABORATÓRIO**

O LAPSICO foi idealizado em agosto de 2014, mas entrou efetivamente em funcionamento em março de 2015. É mantido como uma extensão da sala de aula, com o objetivo geral de promover atividades de ensino, pesquisa e extensão em Psicologia Social Comunitária integrando a formação em Psicologia com as políticas públicas. Como objetivos específicos tem: (1) Realizar pesquisas na área da psicologia social comunitária; (2) Realizar práticas de extensão em serviços voltados à comunidade; (3) Promover grupos de estudos, cursos, seminários e congressos bem como participar de atividades acadêmicas; (4) Promover ações de educação continuada a egressos do curso, profissionais nas áreas temáticas, pesquisadores e docentes em Psicologia; (5) Realizar atividades integradas às disciplinas do curso relacionada à Psicologia Social; (6) Fomentar ações interdisciplinares entre docentes dos diversos cursos.

O LAPSICO constitui-se como um espaço físico e institucional fomentador na articulação de pesquisas e práticas relativas à Psicologia Social Comunitária e, por extensão, na inserção destes temas na formação em Psicologia. Neste sentido, o laboratório desenvolve uma série de atividades em parceria com a Secretaria Municipal de Assistência Social (SAS) de Joinville/SC. As pesquisas são realizadas no SUAS, na Proteção Social Básica, bem como na Proteção Social Especial, nos equipamentos de média e alta complexidade. O acesso a esse campo foi possível em razão da parceria do LAPSICO com a SAS, que possibilitou às/aos acadêmicas/os uma vivência na assistência social, fato que contribui para uma formação com ênfase nas políticas públicas. Além disso, a política de assistência social tornou a psicologia uma profissão de referência neste campo, empregando dessa forma, muitas/os psicólogas/os nos serviços da rede socioassistencial (RODRIGUES; GUARESCHI; CRUZ, 2013).

Ao longo da trajetória do laboratório, especialmente o percurso de pesquisas mobilizadas pelo projeto guarda-chuva (2015-2019), foram realizadas diversas atividades com as/os acadêmicas/os do curso de psicologia, como os estágios obrigatórios, atividades de pesquisa e extensão, bem como seminários, comunicação acadêmica em encontros e congressos, entre outras publicações. Essas ações fomentaram a produção de conhecimento sobre a temática e contribuíram no estreitamento das relações entre a graduação e os serviços do SUAS.

Dentro das atividades realizadas estão os grupos de estudos que objetivam promover uma discussão sobre temas específicos possibilitando reflexões da atuação do psicólogo nas políticas públicas. Os temas abordados foram relações estéticas e políticas, SUAS, psicologia social crítica e psicologia e políticas sociais. Os grupos de estudos dão subsídios teóricos para as/os acadêmicas/os e se mostraram fundamentais para a produção e análise de suas pesquisas.

Todas as atividades vinculadas ao projeto guarda-chuva possibilitaram às/aos acadêmicas/os a produção de artigos científicos e comunicações orais de suas vivências em eventos e congressos, dando assim, maior visibilidade às

produções vinculadas ao LAPSICO e contribuindo para a produção de conhecimento.

É importante ressaltar o papel da monitoria, esse que se faz fundamental para a organização e gestão do espaço e das atividades, estando inseridas nas diversas tarefas promovidas pelo laboratório, tornam-se fundamentais. Vale frisar que para estas compreensões (por exemplo, de assessorias e acompanhamentos) foram necessárias apropriações da monitora por meio de busca de referências, literaturas específicas, cursos, congressos e aperfeiçoamentos na perspectiva da Psicologia Social Comunitária e métodos de pesquisa. Além disso, em virtude dos estágios e extensões universitárias acontecerem principalmente nas políticas públicas, foi necessário conhecimento da rede local, e assim, o planejamento de práticas em Psicologia Social Comunitária para além do espaço acadêmico.

Considerando esta trajetória nestes últimos cinco anos e, ainda, projetos anteriores na rede SUAS Joinville - SC, que fomentaram o surgimento do laboratório, queremos apresentar o modo de trabalhar do LAPSICO, onde reverbera nas atividades diversas vinculadas ao mesmo, e que através do projeto guarda-chuva sistematizou um modo de trabalho próprio do mesmo.

## **OS PERCURSOS NA POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL**

O Sistema Único de Assistência Social – SUAS teve suas bases consolidadas em 2005, após a implantação da Política Nacional de Assistência Social – PNAS, em 2004. Considerando a instituição de novos serviços, a ampliação do número de trabalhadoras/es e a perspectiva de afirmação dos princípios constitucionais nas práticas socioassistenciais, o projeto guarda-chuva teve por objetivo analisar os sentidos das relações e experiências de trabalhadoras/es e usuárias/os nos serviços do Sistema Único de Assistência Social no município de Joinville – SC.

O SUAS organiza as ações da Assistência Social em dois tipos de proteção social: Proteção Social Básica, que tem como objetivo prevenir os riscos sociais

e pessoais, por meio da oferta de programa, projetos, serviços e benefícios a indivíduos e famílias em situação de vulnerabilidade social. E a Proteção Social Especial, destinada a família e indivíduos que tiveram seus direitos violados por ocorrência de abandono, maus-tratos, abuso sexual, uso de drogas, entre outros aspectos (ANDRADE et. al, 2017; BRASIL, 2004; 2012).

Os novos conceitos e tipificações nos modos de trabalho/intervenção começam a exigir rompimentos com certa racionalidade burocrática que domina a esfera pública. No campo da Assistência Social esta dimensão burocrática do Estado que penetra as práticas socioassistenciais tem como efeito o estabelecimento de fortes vínculos dos serviços de proteção social com o Poder Judiciário. E, este acoplamento da Assistência Social pelo Judiciário não ocorre somente no nível da proteção social especial, ou seja, naqueles serviços especializados que atendem as situações caracterizadas pelas violações de direitos (violências contra crianças, adolescentes, mulheres, idosos, etc.), mas antes, perpassam o tecido social.

Em uma sociedade ordenada por modos perceptivos que naturalizam as violências, as desigualdades e as misérias, o deslocamento de realidades ou ainda, a vivência em campo de fronteira destas sensibilidades pode potencializar formas outras de compreensão e sentido. E afirmamos isto, pelo menos agora, sem pensar em valoração dos sentimentos e dos afetos. Investigar as trajetórias, os sentidos e outros aspectos psicossociais da experiência de trabalhadoras/es e/ou usuárias/os do Sistema Único de Assistência Social é uma forma de conhecer os modos como se vinculam na prática cotidiana o combate às violências e às violações de direitos (GOMES, 2016).

A desigualdade social é uma condição que não possibilita saídas por ela mesma. E isto afeta tanto usuárias/os da assistência social como também suas/seus trabalhadoras/es. Obviamente, que cada um deles em suas próprias realidades, mas com o fato comum de que na desigualdade social habitam sofrimentos e angústias que afastam o processo criativo e a elaboração de novidades ao cotidiano.

Pensando que apesar da desigualdade ser complexa, constituída por diversas dimensões, a psicologia social, especialmente a perspectiva sócio

histórica aposta na potência, e que a pesquisa científica nessa perspectiva pode contribuir para visibilizar experiências “exitosas”, neste caso nas políticas públicas. Neste sentido, a dimensão metodológica do projeto guarda-chuva se orientou para a pesquisa-intervenção, mobilizando encontros com usuárias/os e trabalhadoras/es, mediado por oficinas estéticas.

As pessoas, marcadas pelas condições sociais e históricas que as forjaram, podem estabelecer relações de variadas formas com a realidade, com os outros e consigo mesmos, relações essas que podem ser prático-utilitaristas ou estéticas. Enquanto as primeiras caracterizam o plano da cotidianidade, estas últimas destacam-se na medida em que possibilitam ao sujeito descolar-se da realidade vivida e imergir em outra, mediada por novos sentidos que contribuem para o redimensionamento e ressignificação do próprio viver/existir (ZANELLA, 2006).

A experiência estética é uma possibilidade que não se esgota na articulação entre os sentidos do processo de fazer e o produto final, mas também se lança em um processo de reinvenção de planos presentes e futuros. A experiência trata dos rompimentos com o instituído, trata de percepções que trafegam ao sujeito sem uma prévia definição ou registro de como deve ser acomodada aquela realidade. E realidade aqui, diz respeito ao campo da sensibilidade, não sobre o objeto necessariamente, mas sobre como são conhecidos, sentidos e percebidos estes mesmos objetos/naturezas.

Neste sentido, compreendemos as relações estéticas como acontecimentos que mobilizam no sujeito a imaginação, a memória e os afetos, que desvendam olhares para si, para os outros e sobre o mundo, articulando sentidos que se refazem na experiência criadora, tanto da obra, quanto do sujeito criador. Pensamos ser a experiência aquilo de concreto, porém não estagnado, que no movimento de objetivação e subjetivação permanece entre o produto, o sujeito e o processo de fazer.

É nesta direção que se compreende a atividade criadora, pois na perspectiva histórica e dialética da vida, a obra é produto tecido nas relações humanas, e, portanto, um fazer afetivo e reflexivo, permeado de significados e somente possível na relação com o outro. “Entendemos como reflexiva toda

atividade humana que objetiva uma racionalidade, e como afetiva as objetivações que contemplam as emoções e os sentimentos” (MAHEIRIE; URNAU, 2007, p. 199).

## OS PERCURSOS DE PESQUISA-INTERVENÇÃO

A existência do Laboratório de Psicologia Social Comunitária vem possibilitando a organização e a articulação de estudos e intervenções e exigindo uma proposta integrada de pesquisa, pois a partir de projetos anteriormente desenvolvidos tem-se observado que o desenho metodológico de trabalho segue os parâmetros da pesquisa-intervenção, utilizando como dispositivo as oficinas estéticas. Estas atividades, tanto de pesquisa como de extensão e estágios, caracterizam-se como pesquisa-intervenção pois visam “a produção de relações outras, de modos outros de com-viver. Transformação dos outros com os quais se pesquisa e da própria pesquisadora que se torna outra na interação com o campo” (DIAS; ZANELLA; TITTONI, 2017, p. 160).

O formato dos encontros foi inspirado no conceito de oficinas estéticas, caracterizadas como dispositivos no trabalho com grupos, mediadas por atividades criadoras. Podem ser definidas como ferramentas de intervenção psicossocial, que promovem o exercício de coautoria, por meio das artes plásticas, fotografia, audiovisual, jogos, entre outros, que potencializam a criatividade. Além disso, também podem ser consideradas dispositivos de pesquisa-intervenção, “sendo esta compreendida como prática social que envolve relações entre pessoas na busca por reconhecer e/ou formular soluções a uma situação específica” (REIS; ZANELLA, 2015, p. 26).

Pode-se dizer que os encontros são planejados e realizados em dois momentos, ainda que não de forma separada ou abrupta entre si. Na primeira parte, desenvolve-se com os participantes uma atividade mediada por recursos interativos e, no segundo momento, realiza-se na forma de grupos de discussão um diálogo com os participantes do encontro. Existe uma organização prévia

desses encontros, mas é o próprio movimento do grupo que direciona o percurso de oficinas.

Essas estratégias podem contribuir para que os profissionais e usuários do SUAS “possam olhar para a própria vida de um outro lugar, reconhecendo-se como sujeitos da própria história”, pois as atividades convidam o “sujeito ao distanciamento do vivido, podendo nele provocar uma visão diferente sobre si e sobre a própria existência” (REIS; ZANELLA, 2015, p. 30).

As pesquisas e práticas foram organizadas em alguns percursos que poderiam ser de formação permanente dos profissionais ou com os usuários dos serviços socioassistenciais. Cada percurso teve uma ênfase temática ou metodológica. O trabalho desenvolvido por Andrade, Gomes e Maheirie (2016) foi construído como um percurso de formação para trabalhadoras da Proteção Social Básica, com ênfase nos recursos audiovisuais. Gomes, Krüger e Andrade (2016) também trabalharam com a Proteção Social Básica, mas a partir da ludicidade. Arins, Lopes e Gomes (2016), Moser, Lima e Gomes (2016) e Marcantoni e Gomes (2016) construíram um percurso lúdico com trabalhadoras dos CREAS, prática que foi relatada e analisada nos trabalhos de conclusão de curso. Gomes, Salvatori e Uttida (2019) organizaram com profissionais de um CREAS um percurso sobre o conceito de território e seus desdobramentos.

Acerca das intervenções com usuários dos serviços socioassistenciais, Felício, Gomes e Salvatori (2017) realizaram um percurso com jovens no serviço de medidas socioeducativas e utilizaram como recurso metodológico a fotografia. Gomes e Gunlanda (2018) trabalharam com usuários do Centro Pop, a partir da audiência de um documentário sobre a cidade. Freitas, Corrêa e Gomes (2020) construíram um percurso com adolescentes em um CRAS, mediado por diversas estratégias, tais como: audiovisual, rodas de conversa, construção de história em quadrinhos.

Este texto não reflete a totalidade dos resultados, mas apresenta alguns resultados preliminares e significativos acerca do modo de trabalho que o laboratório foi construindo ao longo dos anos de existência e do trabalho orientado a partir do projeto guarda-chuva. Andrade, Gomes, Langaro e Silveira (2016) destacaram algumas contribuições deste modo de trabalho,

especialmente no que se refere aos percursos de formação realizados com trabalhadoras/es da assistência social, viabilizados pela cooperação entre o LAPSICO e a SAS. O trabalho com os percursos possibilitou a elaboração de um estilo de educação continuada que contemplava as experiências pessoais e profissionais e privilegiava a produção de sentidos do fazer socioassistencial.

Com respeito a metodologia de percurso, vale ressaltar que os encontros são planejados a partir do desenvolvimento de estratégias de trabalho socioassistencial. Sintetizando o que foi dito anteriormente, podem ser apontados como recursos interativos o trabalho com fotografias, curta metragens, mapas, jogos (dramáticos, tabuleiros, lúdicos), poesias e músicas, entre tantas outras possibilidades. Estes recursos não são meramente aplicados, mas reinventados nos planejamentos das pesquisas e intervenções, bem como durante os percursos por meio das orientações de pesquisa e estágio.

Mesmo naquelas situações em que são retomadas experiências de encontros anteriores de pesquisa intervenção, os recursos são repensados e recebem algum tratamento da equipe atual, pois compreende-se que na pesquisa intervenção, os percursos são singulares. A proposta é de fato romper com lógicas produtivistas no campo socioassistencial. Na experiência do laboratório, quase sempre a criação de um percurso corresponde também a criação de sua própria tecnologia socioassistencial.

A terminologia “tecnologia” não pode caracterizar somente equipamentos tecnológicos. As tecnologias socioassistenciais ou leves “são as tecnologias das relações, como o acolhimento, o vínculo, a autonomização, a responsabilização” (OLIVEIRA, 2011, p. 91). São formas “de agir entre sujeitos trabalhadores e usuários. Individuais e coletivos, implicados com a produção do cuidado” (MERHY; FRANCO, 2003, p. 318).

A proposição e experimentação destes recursos com trabalhadoras/es e usuárias/os do SUAS vem sendo designada (*design do encontro*) de tecnologias socioassistenciais. Os recursos construídos/vivenciados pelos integrantes do LAPSICO se engendram na atividade combinatória, no acontecimento dos encontros. O processo criativo contempla o planejamento dos percursos, as observações em campo, as orientações de pesquisa e/ou estágios, diálogo com

integrantes das equipes dos serviços do SUAS, até chegar no percurso em si, nos encontros da pesquisa-intervenção. As ressonâncias de cada encontro são refletidas nas orientações e, neste processo, o planejamento é revisitado. Partindo deste pressuposto, afirmamos que as oficinas estéticas podem ser combinadas às tecnologias socioassistenciais, constituindo-se como produtos umas das outras, em um processo criativo contínuo (ANDRADE; GOMES; MAHEIRIE, 2016).

As pesquisas e práticas apresentadas e discutidas neste texto estão pautadas na mesma metodologia de trabalho, a pesquisa-intervenção, e demonstram um modo de fazer/pesquisar na Assistência Social. A partir do exposto, compreende-se que esta forma de pesquisa-intervenção é própria do LAPSICO e potente, uma vez que contribui para a formação das/os acadêmicas/os e sua atuação nos serviços socioassistenciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção científica do nosso país está concentrada em grande parte nas universidades<sup>1</sup>, principalmente nos programas de pós-graduação. Pelos programas de bolsa de iniciação científica o acadêmico passa a ter contato com o pesquisar logo no início da sua vida acadêmica. O Laboratório de Psicologia Social Comunitária tem um papel importante na formação, sendo uma extensão da sala de aula, possibilitando experiências novas do fazer pesquisa em psicologia social.

Nesses cinco anos de funcionamento, o LAPSICO passou a ter um modo próprio de trabalho, que reverbera nas suas produções, sendo nos estágios, TCC's, extensões, entre outros. A reflexão acerca desses trabalhos, apontou para um modo de trabalhar na assistência social, que aposta na potência de criação e ação dos sujeitos participantes, sejam as/os trabalhadoras/es,

---

<sup>1</sup> Relatório da Clarivate para a Capes revela panorama da produção científica do Brasil (2011-2016). Disponível em: <http://portal.if.usp.br/ifusp/pt-br/not%C3%ADcia/panorama-da-produ%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica-do-brasil-2011-2016>. Acesso em 18 dez 2018.

usuárias/os, acadêmicas/os e/ou professoras/es. A proposição de tecnologias socioassistenciais, engendradas pelo trabalho com recursos criativos, espaço para o diálogo e fazeres coletivos, se apresenta como uma estratégia potente, pois o trabalho criativo proporciona novos modos de estar/ser/viver nos diversos contextos, inclusive no campo da desigualdade.

O desenvolvimento de oficinas estéticas contribui no descolamento significativo destas realidades, ou seja, atividades criativas seguidas de grupos de discussão contribuem tanto com usuárias/os como trabalhadoras/es no sentido de pensar/perceber alternativas de enfrentamento da realidade. O efeito das oficinas é a própria experiência estética, como processo de significação potencial para gerar deslocamentos dos modos de ver, nos sentidos do olhar.

As experiências vividas no âmbito socioassistencial possibilitam às/aos acadêmicas/os novas formas de atuação no campo das políticas públicas e contribui para a sua formação como psicólogo, mostrando novas formas de estar nesses espaços. O LAPSICO possibilita às/aos acadêmicas/os, discussões e vivências que numa sala de aula não seria possível experienciar. A reflexão acerca da trajetória do laboratório, por meio da retomada dos textos e publicações demonstra o volume de trabalhos elaborados e aponta para a necessidade de uma análise mais minuciosa e documental das produções.

Concluimos ainda que o LAPSICO se mostrou como um espaço de produção de conhecimento científico no âmbito do SUAS e que ao longo desses cinco anos produziu muito material sobre o tema mencionado e que é de suma importância a comunicação desses resultados nos meios de comunicação acadêmicos, pois mostram ser práticas inovadoras no âmbito das políticas sociais/públicas de assistência social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, L.; GOMES, A. H.; MAHEIRIE, K. Mediação audiovisual: uma tecnologia para a educação continuada de trabalhadores do Sistema Único de

Assistência Social. In: II Colóquio Luso-Brasileiro de Educação, 2016, Joinville. **Anais do II COLBEDUCA - Colóquio Luso-Brasileiro de Educação**, 2016. v. 1. p. 511-524.

ANDRADE, L.; GOMES, A. H.; DE SOUZA, J. A.; BRAGA, G. C. Percursos e experiências da psicologia no sistema único de assistência social em Joinville/SC. **Revista de ciências humanas (ufsc)**, v. 51, p. 230, 2017.

ANDRADE, L.; GOMES, A. H.; LANGARO, F.; SILVEIRA, G. K. **Ensino, pesquisa e extensão na interface com o Sistema Único de Assistência Social - SUAS**: a trajetória de um Laboratório de Psicologia Social Comunitária. In: IX Simpósio Brasileiro de Psicologia Política, 2016, Natal. *Psicologia, política e território: resistências e capturas no cotidiano*, 2016. p. 577-577.

ARINS, L. B.; LOPES, S.; GOMES, A. H. **Processo de Criação e Experimentação de um Dispositivo Lúdico no Contexto do Sistema Único de Assistência Social**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Psicologia) - Associação Catarinense de Ensino. Orientador: Allan Henrique Gomes.

AXT, M. Do pressuposto dialógico na pesquisa: o lugar da multiplicidade na formação (docente) em rede. **Informática na Educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v.11, n. 1, p. 91-104, jan./jun. 2008.

BRASIL, **Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social - NOB/SUAS**. Brasília: MDS, 2012.

BRASIL, **Norma Operacional Básica – Recursos Humanos do Sistema Único de Assistência Social – NOB-RH/SUAS**. Brasília: MDS, 2006.

BRASIL, **Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004**. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei n.º 9.394/1996.

BRIDI, J. C. A.; PEREIRA, E. M. A. **A Iniciação Científica na Formação do Universitário**. 2004. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BRIZOLA, A. L. C.; ZANELLA, A. V.; GESSER, M. **Práticas sociais, políticas públicas e direitos humanos**. 1.º ed. - Florianópolis: ABRAPSO – NUPPE/CFH/UFSC, 2013.

CARVALHO, B. P.; SOUZA, T. M. S. A “Escola de São Paulo” de psicologia social: Apontamentos históricos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 4, n. 15, p.713-721. 2010.

DIAS, L. R. R.; ZANELLA, A. V.; TITTONI, J. Oficinas de fotografia na pesquisa-intervenção: construção de coletivos de trabalho. **Nupem**, Campo Mourão, v. 9, n. 16, p. 158-174, jan/abr. 2017.

FELICIO, T.; SALVATORI, A. P.; GOMES, A. H. **Imagens na pesquisa intervenção: o sentido e o olhar de jovens sobre o território**. In: II Encontro Brasileiro de Pesquisadores do Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social - NEXIN, 2017, São Paulo. Anais II Encontro Brasileiro de Pesquisadores do Núcleo de Pesquisa da Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN): afeto, política e desigualdade social. Manaus - AM: Editora da UFAM, 2017. v. 01. p. 20-20.

FREITAS, L. C.; CORREA, A. P.; GOMES, A. H. **Vínculos, projeção e protagonismo: minha história em quadrinhos**. In: XII Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento, 2019, Florianópolis. Anais XII Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento. Florianópolis, UFSC, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas S.A, 1989. 206 p.

GOMES, A. H. **Mediação audiovisual e atividade imagética: um encontro com trabalhadoras no campo da desigualdade social**. 2016. 155 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

GOMES, A. H.; GUNLANDA, O. A. C. **Entre telas e cenas da rua: a mediação audiovisual no encontro com vidas outras nas cidades**. In: Juliano Del Gobo. (Org.). *A psicologia frente ao contexto contemporâneo*. 1ed. Ponta Grossa: Antonella Carvalho de Oliveira, 2018, v. , p. 80-94.

GOMES, A. H.; SALVATORI, A. P.; UTTIDA, J. W. C. **Território e Proteção Social: a experiência de uma pesquisa-intervenção no SUAS**. In: III Colóquio Psicologia Sócio-histórica E O Contexto Brasileiro De Desigualdade Social, 2019, São Paulo. Anais III Colóquio Psicologia Sócio-histórica E O Contexto Brasileiro De Desigualdade Social. Manaus AM: Editora da UFAM, 2019. v. 01. p. 45-46.

GOMES, A. H.; KRÜGER, F. C.; ANDRADE, L. **Percursos Lúdicos Com Profissionais Da Proteção Social Básica De Idosos: Experimentando Dispositivos Socioassistenciais**. In: IX Simpósio Brasileiro De Psicologia Política, 2017, Natal. Anais do IX simpósio brasileiro de psicologia política: psicologia, política e território. Natal: UFRN, 2016. v. 01. p. 180-180.

LIMA, A. F.; CIAMPA, A. C.; ALMEIDA, J. A. M. *Psicologia Social como Psicologia Política? A Proposta de Psicologia Social Crítica de Sílvia Lane*. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 9, n. 18, p.223-236, dez. 2009.

MAHEIRIE, K.; URNAU, L. **Processos de criação em contextos de desigualdade social**. In: ZANELLA, Andréa V.; COSTA, Fabíola C. B.; MAHEIRIE, Kátia; SANDER, Lucilene; DA ROS, Silvia Z. (Orgs.). Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.

MARCANTONI, L. I. G.; GOMES, A. H. **Proteção Em Jogo: Um Estudo Acerca Da Saúde Mental Dos Profissionais De CREAS**. 2017. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Psicologia e Práticas Clínicas: perspectivas atuais) - Associação Catarinense de Ensino. Orientador: Allan Henrique Gomes.

MERHY, E. E.; FRANCO, T. B. Por uma Composição Técnica do Trabalho em saúde centrada no campo relacional e nas tecnologias leves: Apontando mudanças para os modelos tecno-assistenciais. **Saúde em debate**, v. 27, n. 65, p. 316-323, 2003.

MOSER, T. K.; LIMA, R. R.; GOMES, A. H. **O trabalho com famílias e indivíduos em Centros de Referência Especializada de Assistência Social: efeitos nas profissionais de psicologia e serviço social**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Psicologia) - Associação Catarinense de Ensino. Orientador: Allan Henrique Gomes.

NOTÁRIO, E. G.; SANTOS, A. A. A. Programa de monitores para o ensino superior. **Revista Estudos de Psicologia**, n. 3, v. 27, p. 355-364, 2010.

OLIVEIRA, M. V. **A ação clínica e os espaços institucionais das políticas públicas: desafios éticos e técnicos**. In: CFP. V Seminário Nacional Psicologia e Políticas Públicas - Subjetividade, Cidadania e Políticas Públicas / Brasília: CFP, 2011.

OTTA, E. Prefácio. In: SABADINI, A. A. Z. P.; SAMPAIO, M. I. C.; KOLLER, S. H. **Publicar em psicologia: um enfoque para a revista científica**. Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia, 2009, p. 13-14.

REIS, A. C.; ZANELLA, A. V. Psicologia Social no campo das políticas públicas: oficinas estéticas e reinvenção de caminhos. **Revista de Ciências Humanas**, v. 49, n.1, p. 17-34, 2015.

RODRIGUES, L.; GUARESCHI, N.; CRUZ, L. **A centralidade do vínculo familiar e comunitário nas políticas públicas de assistência social**. Interlocuções entre a psicologia e a política nacional de assistência social. p. 11-22, 2013.

SAWAIA, B. B. Transformação social: um objetivo pertinente à psicologia social? **Psicologia & Sociedade**, 26 (esp.), 4-17, 2014.

SCHNEIDER, M. S. P. S. Monitoria: instrumento para trabalhar com a diversidade de conhecimento em sala de aula. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico**, 5. ed, vol mensal, 2006.

SILVA, L. R. C.; DAMACENO, A. D.; MARTINS, M. C. R.; SOBRAL, K. M.; FARIAS, I. M. S. **Pesquisa Documental: Alternativa Investigativa na Formação Docente**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26-29/10, 2009. 4554 – 4566.

Disponível em:

<[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3124\\_1712.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3124_1712.pdf)>  
acessado em 02/10/2018

SILVA, R. N. Notas para uma genealogia da Psicologia Social. **Revista Psicologia & Sociedade**, n. 16, v. 2, 2004.

YAMAMOTO, O. H.; OLIVEIRA, I. F. Política Social e Psicologia: uma trajetória de 25 anos. **Psicologia: teoria e pesquisa**, 26(esp.), 9-24, 2010.

ZANELLA, A. V. **Sobre olhos, olhares e seu processo de (re)produção**. In: Da Ros, Silvia Zanatta; Lenzi, Lucia Helena Correa; Souza, Ana Maria Alves; Gonçalves, Marise Matos (Orgs.). *Imagem: intervenção e pesquisa*. Florianópolis: UFSC: NUP/CED/UFSC. 2006.

### **Allan Henrique Gomes**

Doutor em Psicologia (UFSC), professor e coordenador do Laboratório de Psicologia Social Comunitária (ACE/FGG), docente do Programa de Pós Graduação em Educação (Univille). [allanpsi@yahoo.com.br](mailto:allanpsi@yahoo.com.br)

### **Jhonny Willian Candiotta Uttida**

Psicólogo (ACE/FGG), foi bolsista de iniciação científica (UNIEDU) vinculado ao Laboratório de Psicologia Social Comunitária (ACE/FGG). [jhonny.uttida@gmail.com](mailto:jhonny.uttida@gmail.com)

**Letícia de Andrade**

Mestra em Psicologia (UFSC), psicóloga (ACE/FGG), foi monitora no Laboratório de Psicologia Social Comunitária (ACE/FGG).  
ldandrade@outlook.com

**Ana Paula Salvatori**

Psicóloga (ACE/FGG), foi monitora no Laboratório de Psicologia Social Comunitária (ACE/FGG). anapsalvatori@yahoo.com.br

**Recebido em 22 de junho de 2020.**

**Aceito em 29 de junho de 2020.**